

SILVANO DE ABREU CARDOSO

**HISTÓRIA
DA BANDA DE MÚSICA
DA FREGUESIA
DO ARCO DE SÃO JORGE**

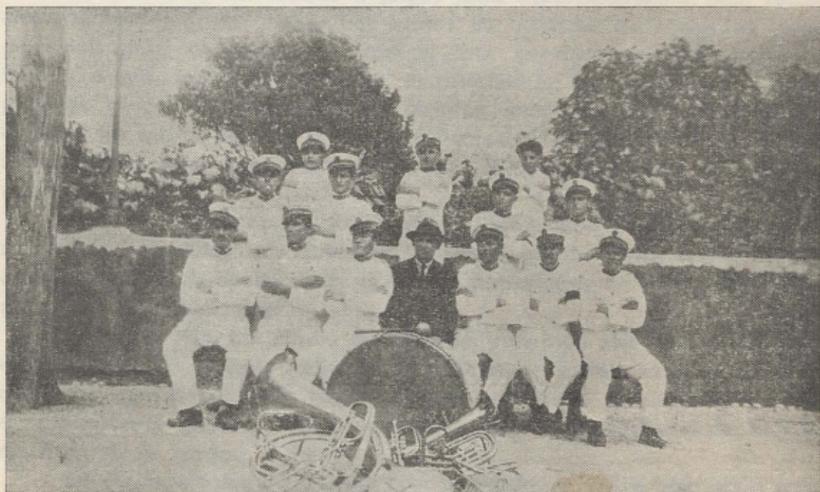
ILHA DA MADEIRA

1933

12(469.8)

MEMÓRIA EVOCATIVA
DA FUNDAÇÃO E PRIMEIROS TRIUNFOS
DA BANDA-ESCOLA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA
DA FREGUESIA DO ARCO DE SÃO JORGE

ILHA DA MADEIRA
1933



SILVANO DE ABREU CARDOSO

PALAVRAS PRÉVIAS

São decorridos mais de trinta anos após a fundação da Banda-Escola de Nossa Senhora de Fátima da freguesia do Arco de S. Jorge, Ilha da Madeira.

Não é o presente livrinho, uma história maravilhosa daquelas das Mil e Uma Noites... É apenas um singelo documentário, se assim se pode chamar, do que pode a vontade decidida de alguns rapazes em plena juventude, que arrostando com todas as dificuldades não se deixou vencer pelo desânimo, dando assim um nobre exemplo aos vindouros de quanto pode a fé, a persistência e a vontade de vencer, em prol do bem e da arte.

Para muitos, habituados a julgar tudo superficialmente, sem raciocinar, e, sem procurar beber nas fontes da verdade, os requisitos indispensáveis para se poder com justiça, tirar conclusões,—tudo parecerá fácil e banal, nada havendo de extraordinário na organização deste pequeno grupo de rapazes, quase incultos, mais habituados às lides da lavoura, do que a arte de manejar instrumentos complicados, para poder tirar deles aqueles sons harmoniosos que tanto encantam e delicias os nossos ouvidos.

Mas, há porém outros que, embora conhecendo algum mérito nesta arrancada,—levados por conceitos próprios ou da turba multa ignara e anónima que, desconhecendo as causas verdadeiras do bom êxito, tanto elogiam como condenam.

E foi por isso, em abono da verdade, para que não se fizesse juízos errados que, o modesto autor destas linhas, resolveu, sem pretensões, descrever num depoimento leal e honesto, os factos que andam ligados à sua modesta pessoa e à Banda-Escola de Nossa Senhora de Fátima do Arco de S. Jorge.

Só assim, se poderá ajuizar com equidade e justiça uma obra que, embora simples, muito tem contribuído para o engrandecimento da pequenina freguesia do Arco de S. Jorge, tirando já bastantes benefícios alguns dos seus filhos.

Pode e deverá ser ainda uma Escola não só da arte musical, como do bom viver social a dentro daqueles princípios onde, o verdadeiro apurmo e dignidade moral é apanágio de todo aquele que se diz cristão e, não enjeita os sublimes ensinamentos do Evangelho de que tanto o mundo de hoje carece.

O AUTOR

Lisboa, 13 de Outubro de 1969

GRUPO MUSICAL DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

No ano de 1929, no mês de Maio, em dia que não posso precisar bem, vieram ter comigo alguns rapazes da nossa freguesia, entre os quais se encontrava o José Jardim Barreto, filho de João Manuel Barreto e sobrinho do Reverendo Padre José Marques Jardim, filho desta freguesia e já falecido.

José Jardim Barreto, actualmente Oficial dos Correios Telégrafos e Telefones, de Lourenço Marques, ao tempo, estudante, foi um dos que mais se entusiasmou na fundação de um Grupo de instrumentos de palheta na nossa freguesia.— Por isso, junto com esses rapazes veio pedir a minha colaboração,— pois diziam eles que o Arco não tinha distrações e que o povo também tinha o direito de ter também o seu passatempo.

O Arco de S. Jorge, pequenina freguesia perdida entre montes, nada tinha com que pudessemos distrair o espírito,— pois o progresso ainda estava longe de nós e o nosso bom povo, trabalhador e honesto só tinha a taberna, onde passava a maior parte do tempo aos Domingos e Dias Santos.

Como o José Jardim Barreto, conhecia muito bem a minha devoção pela arte musical, não desistiu de instar comigo para que se formasse um Grupo Musical sob a minha modesta Direcção.

Conhecendo eu por experiência própria, estes entusiasmos momentâneos da nossa juventude que, na maioria dos casos se desfazem ao menor obstáculo e se apagam como as bolas de sabão,— disse-lhes que não me arrojava a essa empresa, sem que me fosse dadas seguras garantias da sua continuidade por alguns anos, impondo-lhes as seguintes condições:

1.º— Todos os rapazes propostos para entrar no Grupo, haviam de ser escolhidos por mim, entre os melhores da freguesia;

2.º— Quando menores, ter o consentimento dos seus pais ou tutores;

3.º— Todos deviam estar dispostos a adquirir à sua custa o instrumento de música, por mim indicado;

4.º—Todos haviam de entrar mensalmente com o quota de \$50 para ocorrer às despesas indispensáveis ao bom funcionamento do Grupo;

5.º—Cumprir fielmente com todas as minhas indicações, incluindo o estudo da música, (solfejo) para que todo o nosso Reportório a ensaiar, fosse executado por música.

Postas todas estas condições, logo o nosso José Jardim Barreto, pôs-se em campo a angariar pessoal que pudesse formar pelo menos uns doze ou treze rapazes para constituir o nosso Grupo Musical.

Evidentemente que, como era eu quem fazia a escolha, José Jardim nada fazia sem me consultar.

Apesar de ter aparecido muitos pretendentes a quererem ingressar no Grupo,—a muitos tive que dizer não, em virtude da sua pouca capacidade musical,—pois nem todos nascem com a mesma vocação.

Como em todas as artes, a música é um dom que nasce com a pessoa.—Quem não tem aquele dom pode trabalhar toda a sua vida, mas nunca pode dar um bom músico.—E foi por isto mesmo que, antes de os mandar embora, todo o candidato era submetido a um pequeno exame de afinação das 7 notas musicais.—Por aqui, já fazia uma pequena demonstração,—se tinha ou não aquelas qualidades mínimas que se exigia para ser bom músico.

Depois desta selecção na escolha do pessoal que devia servir,—ficou definitivamente constituído o Grupo que passou a denominar-se: —«GRUPO MUSICAL DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA».

Para que todos os nossos trabalhos não fossem efémeros e infrutíferos e fossem coroados do melhor êxito, por isso consagrei-o desde a primeira hora à Senhora do Rosário de Fátima, para que as Suas bênçãos se derramassem sobre todos os que se entregavam de alma e coração aquela arte, trabalhando ao mesmo tempo para maior honra e glória de Deus.

Tendo todos depositado as importâncias indispensáveis para a aquisição do instrumental,—logo encomendei a um dos melhores artistas do Funchal, o seu fabrico.—Foi ele o José Guitarrista que na sua oficina fabricou os Bandolins, Bandolas, Bandoletas e violas para o acompanhamento.

Enquanto não chegavam os instrumentos, deu-se começo aos ensaios de solfejo, ficando todos em pouco mais de três meses, prontos a executar alguns números de música ligeira que eu consegui arranjar.

Tendo já todos os seus instrumentos que ensinei a manejar, — resolvemos fazer a nossa estreia em público, com alguns números de música, previamente ensaiados.

Tendo mandado preparar de antemão uma estante de madeira, — coloquei nela em toda a sua extensão os papéis de música que iam ser executados, ficando assim dispostos em duas bancadas de madeira todo o pessoal sentado com os seus instrumentos em posição, à espera do sinal para começar a tocar.

Improvizado um coreto, num mirante que ficava à entrada da minha residência, à sombra dum grande carvalheiro de ramada longa e altaneira e voltado para o adro da nossa Igreja, — já ali estavam muitos curiosos à espera de ver o que ia sair dali, pois muitos cépticos não queriam acreditar que os rapazes em tão escasso espaço de tempo pudessem já tocar por música, e assim iam discutindo uns com os outros que os papéis que eles tinham na frente, eram só para vista e enganarem o público que nada percebia daquilo.

Mal sabiam os que assim falavam que, ali estava o fermento duma futura colectividade, que muito havia dar de que falar.

O meu interesse era formar ali, a par da arte uma escola dos melhores ensinamentos cristãos, — numa palavra: — uma Juventude Católica, — onde a par da música se aprendesse a ser homens de carácter e bons portugueses.

Escusado será dizer que o público apreciou o nosso Grupo, ao ouvi-los tocar aqueles números que haviam ensaiado, não faltando até quem já desse palmas, no final de cada número. — Estava assim lançada a primeira semente para novos triunfos.

Como o meu interesse era também a cultura nos espíritos dos rapazes, comecei a pôr à disposição deles Jornais e Revistas católicas, para serem lidas nas horas vagas, para aqueles que soubessem ler ir cultivando o espírito.

E para que tudo pudesse tomar um carácter puramente cristão, convidei o Reverendo Padre Júlio de Castro, Pároco da freguesia, a vir à nossa Sala de ensaio, aos Domingos de vez em quando, fazer uma palestra como em família, — para cada vez ir incutindo no espírito de todos os ensinamentos da Igreja, ou seja as verdades da Fé.

Efectivamente o nosso Pároco, acedeu ao meu convite e por diversas vezes ali veio expondo alguns temas. — Mas como era doente, — nem sempre podia vir sendo eu então quem tomava a palavra, — expondo alguns trechos da Sagrada Escritura, — falando-lhes também da nossa História

Pátria, dos nossos heróis daqueles grandes homens que fizeram Portugal uma Nação respeitada.—E para que melhor pudessem compreender o significado de tão altos feitos, coloquei na Sala de ensaio, muitos quadros com fotografias, onde se lia os principais factos da História de Portugal,—bem como um Mapa com os Reis de Portugal desde a sua fundação, com os factos mais notáveis de cada reinado.

Toda esta bagagem, bem como a sala e algum mobiliário, foi posto à disposição dos rapazes, sem que nunca tivesse exigido um centavo de remuneração.

¶Era nesta Sala, onde se ensaiava desde a primeira hora todo o nosso repertório, onde se fazia as nossas palestras e as festas do nosso aniversário.

Ao princípio ainda abri uma classe para aqueles que quisessem aprender a ler e escrever,—mas pouco tempo funcionou, não só por falta de tempo como de colaboradores,—pois o tempo disponível era pouco para ensinar música, pois tinha a meu cargo não só os ensaios gerais, como ainda os dos aprendizes que iam entrando.—E como todo este labor era feito à noite, porque durante o dia não era possível, em virtude do pessoal andar no trabalho da lavoura,—por isso mesmo, o tempo era sempre pouco para poder ser aproveitado no desenvolvimento da arte musical. Apesar do muito trabalho que tudo isto me dava, nunca enjeitei os sacrifícios, deitando-me muitas vezes à meia-noite, pois era eu a única pessoa que ensinava ali o solfejo e as escalas dos instrumentos de corda, violas, bandolins, bandolas e bandoleta, bem como ainda uma flauta.

O nosso Grupo já tocava bem e, por isso fomos a diversas freguesias executar os nossos programas, nomeadamente a S. Jorge, Boa Ventura, Ponta Delgada, S. Vicente e até à Ribeira da Janela, onde tínhamos um grande amigo e nosso confratâneo, o Rev.º Padre Carlos Tomás Camacho, filho desta nossa freguesia e ao tempo, Pároco daquela Paróquia.

Quando soube da nossa iniciativa muito se interessou por nós, tendo-nos convidado para visitarmos aquela Paróquia e abrilhantarmos com o nosso Grupo uma festa que ali se realizou, e onde fomos muito aplaudidos pelo nosso escolhido repertório.

¶Em todas as freguesias onde nos apresentamos fomos sempre muito bem recebidos por todos.

Como a nossa freguesia não tinha receita nas principais festas do ano para mandar vir uma Banda de música abrilhantar as mesmas no exterior, o nosso Grupo tomava então a iniciativa de executar no adro da Igreja alguns números de música, acompanhando por fim as procissões.

— Mas tudo isto era gratuito, nada ganhavamos monetariamente; — mas as cordas durante as nossas funções rebentavam e tinham que ser substituídas e tudo isto eram despesas que saíam do nosso magro bolso.

Evidentemente que as quotas não chegavam para cobrir as despesas, — tendo o restante de ser pago por todos os elementos do Grupo.

Apesar do gosto que todos sentiam pela música o certo é que todos já mostravam uma certa relutância quando se lhes falava de despesas que se deviam pagar em especial as cordas que volta e meia tinham de ser substituídas, umas por se terem partido e outras pelo seu estado adiantado de oxidação, perdendo com este estado a boa sonoridade indispensável à boa afinação.

Estava pois o nosso Grupo em dificuldades financeiras e já havia alguns descontentes que se preparavam para abandonar o Grupo, pois não estavam dispostos a fazer grandes despesas por uma coisa que não dava ao menos para se poder manter.

Todos trabalhadores, pobres e filhos de gente humilde, vivendo apenas do seu magro salário, não queriam arriscar-se a gastar as suas economias sem ao menos uma pequena remuneração.

Feitas as contas, verificamos ter já dispendido a quantia de oitocentos escudos na aquisição de cordas o que representava naquele tempo uma grande quantia. — Que fazer então? — Parar? — Mas parar é morrer... e se a nossa sorte é morrer, ao menos queríamos morrer devagar... como disse o nosso saudoso Rei D. Sebastião na Batalha de Alcácer Kibir.

E porque a vida é uma luta e é dela que surgem os heróis, — não será ela o cadinho onde se caldeiam e moldam as almas para as grandes empresas? — Sem sacrifício nada há de grande sobre a terra, — pois têm uns que se sacrificam para bem dos outros, e a vida foi sempre assim no decorrer da história dos povos.

Foi então no meio destas vacilações que eu assimilei uma ideia: — Transformar o nosso pequeno Grupo, numa Banda de Música, — dotando a freguesia duma coisa difícil para ela, atendendo às grandes dificuldades financeiras que sempre se verificava quando se pretendia celebrar uma festa na nossa freguesia.

Assim dotada de uma Banda, não só podia agora ter as suas festas abrilhantadas no seu arraial como ainda podia também ir às outras freguesias vizinhas quando fosse chamada.

Embora todos recebessem com o melhor agrado a minha ideia, — parecia-lhes impossível tal empreendimento, devido à situação financeira

em que todos se encontravam.—Diziam-me então:—mas onde buscar dinheiro para tantas despesas?...

Naquelas inteligências agitava-se uma dúvida a que tive de responder, com aquela confiança e certeza dum bom êxito, se todos estivessem dispostos a me acompanhar:—Meus amigos, disse-lhe eu:—Quando se formou este Grupo, também vós sofriais do mesmo mal,—mas tiveste já a prova de que Aquela a quem se consagrou todos os nossos trabalhos não nos abandonou...

Portanto, se continuarmos a ter fé e dispensarmos a mesma dedicação e entusiasmo das primeiras horas,—que fez grande este Grupo,—também havemos de chegar ao fim desejado,—vendo e ouvindo ecoar com galhardia e agrado, os acordes da nossa nova Banda, nos ares límpidos da nossa freguesia... Tenhamos fé e coragem para vencer todas as dificuldades que se nos deparar para o futuro,—porque Roma e Pavia não se fez num dia...

Tereis um amigo,—aquele mesmo que desde a primeira hora, não vos abandonou nos momentos difíceis da nossa colectividade... Tudo se há-de fazer, com tempo e vontade, de trabalhar,—para mostrar aos vindouros que, neste pequeno lugarejo, também há vontades decididas e prontas para se sacrificar pelo bom termo duma causa, e esta,—a de dar vida e alegria com os sons maviosos da nossa música,—a um povo cansado de trabalhar no labor do arado,—sem ter ao menos uma distração,—na sua penosa existência que não seja o trabalho árduo de cada dia!...

Amigos!—para a frente,—mãos à obra... Por Deus e Santa Maria,—a mesma que tem velado por nós até hoje, e nos há-de assistir até ao fim.

Dito isto,—ninguém bocejou... a aguardar o futuro uns cheios de esperança, e outros periclitantes...

Prometi mandar vir catálogos com os preços dos instrumentos necessários à formação duma pequena Banda constituída de treze elementos.

Não tardou a resposta de Lisboa e do Porto.

Confrontamos preços e qualidades de diversas casas especializadas que nos forneceram orçamentos para os treze elementos a saber:—2 trompetes;—2 clarinetes;—1 requinta;—1 Barítono;—2 trombones;—1 trompa;—1 contra baixo;—1 bombo;—1 caixa-tarola com baquetas; e 1 par de pratos.

Todos estes instrumentos sendo novos, custava-nos próximo de dez mil escudos,—e isso era uma verba demasiadamente grande para os recursos dos nossos rapazes.—Foi então que idealizei uma ideia:

Aquisição de todo o instrumental em segunda mão, e com garantia de afinação e conservação,—que nos custaria quase metade do preço.

Devemos salientar aqui que, ao iniciar a criação da nossa Banda com treze elementos,—o fizemos em homenagem à Santíssima Virgem que, escolheu o dia 13 para visitar Portugal onde deixou a sua mensagem ao mundo.

Como a aquisição do instrumental requeria diversos cuidados e não tínhamos em Lisboa quem se encarregasse dessa tarefa,—resolvemos entregar estes cuidados a uma casa séria em Lisboa, a «AGÊNCIA CIVITAS» que, mediante uma comissão se encarregou da nossa pretensão.

Evidentemente que, desde logo fizemos sentir àquela Agência que, os instrumentos depois de feitos os preços com o nosso acordo, deviam ser escolhidos por um profissional de inteira confiança, para nos garantir a sua perfeita afinação e conservação.

Depois de tudo combinado com a citada Agência e para estímulo dos nossos rapazes, quisemos mandar vir os instrumentos por partes, visto não termos ainda o capital todo.—Para isso, convocamos os nossos rapazes para uma reunião, onde ficou deliberado que todos aqueles que quisessem pertencer à Banda, tinham que depositar a importância de duzentos escudos cada um, afim de se mandar já para Lisboa, para vir os primeiros instrumentos.

O resto que faltasse, ficou assente fazermos uma subscrição pública entre o povo da freguesia que nos quisesse ajudar nesta nossa iniciativa.

Assim se fez e felizmente encontramos muitos amigos da música que compreenderam bem a nossa aspiração e nos ajudaram na medida das suas possibilidades, rendendo esta quete algumas centenas de escudos.—Com este dinheiro e as verbas depositadas pelos rapazes, mandamos requisitar os primeiros instrumentos.

No mês de Maio de 1933, chegava ao Arco os 5 primeiros instrumentos.—Apesar de usados, vinham todos niquelados como se fossem novos.—Ao verem com seus próprios olhos os novos instrumentos, os nossos rapazes ficaram maravilhados, julgando ser ainda um sonho...

No entretanto com a chegada dos instrumentos, não faltava na freguesia quem prognosticasse que tudo aquilo era uma temeridade... pois como podiam aprender a tocar instrumentos complicados se não tinham quem os ensinassem?... pois embora eu soubesse música nunca

havia tocado qualquer instrumento de sôpro e isso era para eles um problema difícil...

Como os nossos rapazes ouvissem estas e outras opiniões descontraídas do nosso povo que sempre teve a aventura de dar sentenças sobre o que não percebem,—ficavam atônitos e perturbados e mesmo vacilantes sem saberem o que haviam de fazer...

Cheios de dúvidas,—vinham ter comigo indagar o que se havia de fazer para chegar àquela finalidade sem terem um mestre competente,—pois não queriam ficar prejudicados com a perda do seu dinheiro...

Eu porém, que não fizera as coisas sem considerar os prós e os contras,—como muitos julgavam,—ia-lhes dizendo que não tivessem sustos, porque o mestre havia de surgir no momento próprio,—assim como surgiram os instrumentos.

Apenas chegassem os últimos instrumentos, se daria início aos ensaios, para acabar com as dúvidas e pôr tudo em andamento.—Mais dois meses e estariam cá os últimos instrumentos.

Mas poderá alguém objectar,—como se arranjou o dinheiro para os últimos instrumentos?—Logo responderei:—Pessoa amiga, emprestou-me o resto para se pagar logo que se pudesse;—e tudo ficou resolvido.

E assim se cumpriu à letra o que fôra prometido: os primeiros arraiais seriam para pagar as dívidas que houvesse na aquisição do instrumental;—depois de pagas as dívidas, passar-se-ia a dividir as benesses recebidas nas festas, por todo o pessoal.

Felizmente não levou muito tempo.—A nova correu por toda a parte;—e como todos queriam ouvir a Banda Nova do Arco, não faltou festas a atender, embora tivessemos de fazer preços de combate... pois o que nos interessava no momento era pagar toda a dívida.

Todo o pessoal mostrou dignidade no cumprimento deste dever.—Todos estavam dispostos a ir às festas de graça... sem receberem qualquer remuneração durante quase um ano,—para pagarem a dívida contraída para o pagamento do resto dos instrumentos.

Neste ponto foram correctíssimos e deram um grande exemplo de solidariedade, e união.—E diziam eles queremos pagar a nossa dívida porque a Banda é nossa.

Voltando a descrever, como se deu começo aos ensaios, depois da chegada dos últimos instrumentos de Lisboa,—devo dizer que, tendo conhecimento com um Sargento músico de Infantaria 19 do Funchal, meu amigo que já havia ficado em minha casa, quando da passagem da Banda de Artes e Ofícios pelo Arco, uns anos antes, de que aquele amigo era

Regente,—convidei-o a vir à minha casa passar uns dias, dizendo-lhe de antemão o que pretendia.—Esse meu saudoso amigo, senhor Artur Lopes, já falecido,—amavelmente aceitou o meu convite e trouxe-me a meu pedido, métodos e escalas dos instrumentos de sôpro para os aprendizes,—e foi por aí que se começou a ensaiar.—Evidentemente que o nosso amigo Artur Lopes, demorou-se uns três dias no Arco para iniciar os primeiros ensaios, e, depois disso tomei a direcção dos ensaios, com os meus fracos recursos musicais.—Como quase todos os rapazes já sabiam música, não foi difícil adaptar-se aos novos instrumentos e em pouco mais de um mês, cada qual já conhecia a escala do instrumento que lhe fôra confiado.—Faltava agora pô-los a tocar em conjunto.

Para melhor êxito,—pedi novamente ao Artur Lopes para voltar ao Arco, afim de dar alguns ensaios em conjunto, o que, aquele nosso amigo acedeu.

Feita a experiência que surtiu o melhor efeito, retirou novamente para o Funchal aquele nosso malgrado amigo.

Como já todos manejavam habilmente os seus instrumentos e como se aproximava o mês de Outubro, apesar do pouco tempo, empreguei todos os esforços para que a nossa Banda fizesse a sua estreia no dia 13 de Outubro em homenagem à sua Padroeira.

Como o tempo era curto, apenas tive tempo de ensaiar o hino de Nossa Senhora de Fátima, o hino da Banda, e uma marcha, denominada «O 13 de Outubro»,—todos estes números de música foram instrumentados por mim em virtude de não ter quem mos fizesse.

Devo dizer que, em virtude da amabilidade do nosso amigo Artur Lopes não ter exigido qualquer remuneração pelos seus serviços, dos dias que cá estive no Arco,—levei os rapazes a cotizar-se para que fosse oferecido ao mesmo, uma pequena lembrança pelo Natal,—ficando resolvido enviar pelo primeiro barco ou camião de carga, um barril de vinho àquele amigo,—o que muito apreciou, agradecendo-nos com o envio de uma dezena de números de música para o nosso repertório.

13 DE OUTUBRO DE 1933

Tendo-se feito todos os preparativos para a estreia da Banda no dia 13 de Outubro de 1933,—logo a notícia correu célere por toda a parte, nomeadamente pelas freguesias vizinhas, ocorrendo muito povo para ouvir a música nova, como lhe chamavam, a fazer a sua estreia.

Efectivamente naquela data memorável, queríamos que ela fosse marcada com uma festividade religiosa na nossa Igreja, como agradecimento à Virgem Senhora de Fátima, dos auxílios por ela prodigalizados à nossa colectividade, desde a primeira hora.

Dado conhecimento ao Rev.º Pároco da freguesia da nossa pretensão, ficou marcada novena solene à noite nesse dia, tendo sido convidado para orador sagrado o Rev.º Padre Antonino G. Valente, vigário da freguesia de Boa Ventura, ao tempo.

Aquele sacerdote, já falecido, era um dos muitos que não acreditava no bom êxito da nossa Banda,—e como era considerado uma competência em música,—aguardava com uma certa curiosidade, no adro da nossa Igreja, naquela noite, o desfecho da nossa apresentação em público.

Nessa noite memorável, tinham sido colocadas de antemão, nos muros que circundam a igreja, umas colunas de ferro fundido, donde pendiam em cada, uma lâmpada eléctrica,—pois nessa data a Central eléctrica ainda nos pertencia, prefazendo ao todo sete colunas que, davam luz brilhante em volta do adro, produzindo um belo efeito.—Deve-mos fazer salientar que nessa data não havia electricidade no Arco, senão da citada Central.

Como o autor destas linhas tinha muito interesse em dotar o adro da Igreja de iluminação eléctrica que não tinha,—fez mais este sacrifício,—exclusivamente do seu bolso,—para que nos dias festivos o adro pudesse ser iluminado convenientemente.

E como era também nesse dia 13 a inauguração desse melhoramento para o adro, coincidia assim com a estreia da Banda.

Foi combinado com o sineiro, para não tocar o sino as Avé-Marias, sem tudo estar a postos:—Banda no adro em formação na porta da Igreja,—e o encarregado de acender as lâmpadas também pronto a abrir o interruptor à primeira badalada do sino.—Assim, logo que esta soasse,—as lâmpadas acendiam, todas ao mesmo tempo e a Banda executaria nesse início o hino a Nossa Senhora de Fátima.—Foi num relâmpago, sino, luz e Banda estremeceram toda a assistência, deixando a todos comovidos, pois ninguém esperava todo aquele êxito em tão pouco tempo na nossa freguesia.—O próprio Padre Valente a que acima nos referimos, logo que acabou de ouvir o hino de Nossa Senhora de Fátima, voltou-se para a Banda e disse; em voz alta:—«Agora eu digo que dá!» e veio felicitar-me pelo meu empreendimento.

Seguiu-se a novena em honra de Nossa Senhora de Fátima, que foi cantada acompanhada de órgão, tendo subido ao púlpito o referido Padre Valente que fez uma apologia ao Santo Rosário e da devoção que todos nós devemos ter a Nossa Senhora de Fátima, lembrando a todos os que ali estavam que nunca se esquecessem de recorrerem à Virgem em todas as suas necessidades, pois que assim se dignou aparecer em terra portuguesa para mostrar a sua predilecção pelos portugueses.—Depois referiu-se em termos elogiosos para o nosso Grupo, recomendando a todos para serem assíduos na arte musical, uma das artes mais belas que emociona as almas, dando ainda alguns conselhos aos rapazes, na maneira de se comportarem nos arraiais onde fossem tocar, sem darem escândalo, embriagando-se, como se verifica infelizmente em muitas filarmónicas.

Depois da Novena, a nossa Banda, executou uma marcha denominada, «O 13 de Outubro», que foi instrumentada por mim,—a única que estava ensaiada devidamente.

Depois de várias evoluções no adro da Igreja, tocando sempre a mesma marcha,—a Banda dirigiu-se para a Casa de Ensaio, que era numa dependência do rés-do-chão da minha casa,—uma sala posta à disposição do nosso Grupo, devidamente apetrechada com lâmpada eléctrica, estantes para colocação de músicas, bancos e cadeiras para os executantes, tudo por mim fornecido, sem que eu tivesse exigido um centavo por esta instalação.

Devo dizer ainda que nas paredes da Sala, encontravam-se diversos quadros coloridos com fotogravuras da nossa História Pátria, dos feitos heróicos dos portugueses noutras eras,—afim de todos ficarem com um

pequeno conhecimento da História Pátria e assim amarem melhor o seu País de tão nobres tradições.

Nesse dia memorável de 13 de Outubro de 1933, encontrava-se a Sala de Ensaio, devidamente engalanada de flores, bandeiras pendentes das paredes e verduras, sendo facultado ao público a entrada na mesma, ficando todos os que ali iam admirados pelo belo gosto dos rapazes. — E assim, todos os anos no dia do aniversário da nossa estreia, — a festa repetia-se com o mesmo entusiasmo de sempre, — havendo concerto no adro da nossa Igreja após a Novena em honra da nossa Padroeira.

Devo dizer que no alto da parede no frontespício da sala, encontrava-se o quadro com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima com os pastorinhos, ficando colocado por baixo da mesma Imagem, uma fotografia com o Grupo dos fundadores da Banda, tendo ao centro o seu modestíssimo fundador, e autor destas linhas.

Excusado será dizer que depois da inauguração da nossa Banda, começaram logo a aparecer convites para tocarmos em diversas festas fora da freguesia, visto que todos os que ainda não tinham ouvido a nossa Banda queriam ter a curiosidade de ouvi-la. — E assim, começamos a ensaiar um vasto repertório de músicas que nos foram oferecidas pelos meus amigos Artur Lopes e Ângelo Álvares de Freitas, maestros da Banda de Artes e Ofícios e da Banda de Santa Cruz.

Tínhamos na Ribeira da Janela, como já dissemos, um grande amigo e conterrâneo nosso, o Reverendo Padre Carlos Tomás Camacho, actualmente Cónego em Lourenço Marques que, ao tempo, era Pároco daquela freguesia e logo que soube do nosso êxito, fez-nos logo convite para irmos abrilhantar a festa em honra da Padroeira daquela freguesia, Nossa Senhora da Encarnação.

Marcado o dia, lá fomos cheios de entusiasmo, por caminhos e atalhos em demanda daquela freguesia, pois os caminhos nesse tempo, eram ainda os primitivos cheios de tantos perigos. — Mas tudo galgamos na ânsia de chegarmos antes do meio-dia da véspera, para começar o anúncio da festa, pois todos nós sabemos que para anunciar aos povos das freguesias vizinhas que há uma festa religiosa, é costume ser anunciada com morteiros, foguetes e música na véspera, para assim entusiasmar as multidões a irem assistir ao acto religioso.

Apenas chegamos à Ribeira da Janela e ao avistarmos em baixo a Igreja Matriz, tocamos o hino da Banda, tendo o festeiro lá em baixo correspondido com o lançamento de alguns foguetes de estalo.

Descemos logo para as proximidades da Igreja, e à distância de uns cinquenta metros, aproximadamente, começamos a executar uma marcha até ao adro da Igreja, onde já nos esperava o Reverendo Pároco, terminando em frente da porta principal da Igreja, onde em acto contínuo executávamos o hino de Nossa Senhora de Fátima em sua homenagem e o hino da Banda, em honra do SS.mo Sacramento, presente naquele Santuário; — entrando todos os componentes na Igreja para uma curta oração, depois de prestadas estas honras.

Seguiu-se depois com nova marcha em direcção à casa da residênci-a do Pároco, onde o fomos cumprimentar, executando uma vez ali chegados, o hino da Banda.

Excusado será dizer que, o Reverendo Padre Carlos Tomás Camacho já ali aguardava ansioso a nossa chegada para nos dar um abraço e felicitar-nos pelos progressos que via diante dos seus olhos, da sua freguesia natal.

Disse-nos que nunca supunha que em tão pouco tempo tivéssemos feito tantos progressos, pois julgava ao falar-lhe alguém da nossa música que ia encontrar uma simples charanga, de poucos méritos, — mas afinal vê agora com os seus próprios olhos que, aquilo é na realidade, embora pequena, uma música bem afinada...

Tocamos naquela freguesia dois dias e logo fomos convidados para recrearmos outro arraial que se realizava na Vila do Porto Moniz, dias depois.

Como a nossa Banda estava ainda na infância... não tínhamos fardamento, pois para tudo era preciso muito dinheiro. — Mas também não era conveniente apresentarmos os componentes da Banda vestidos à civil, com tipos diferentes de vestuário. — Impunha-se assim mais um sacrifício, indispensável ao bom êxito da nossa arrancada. — Devo dizer aqui que, quando fomos ao arraial da Ribeira da Janela, fomos todos de calça branca, que já tinha sido adquirido quando ainda existia o Grupo de palheta. — O resto da indumentária era toda à civil. — Claro que isto não ficava bem aos olhos do público, sempre acostumado a ver nos seis arraiais Bandas com pessoal todo fardado.

Como era eu quem dirigia tudo, tive que tomar as devidas providências para que se pudesse apresentar em público a nova Banda decentemente vestida.

Imediatamente parti para o Funchal, onde adquiri uma peça de sarja branca, bem como 13 bonés de pala de polimento preto, como aqueles que usam os condutores de táxis de praça. — Evidentemente que,

haviam de serem modificados em parte, com os respectivos emblemas e francaletes dourados que comprei também no Funchal, modificando tudo em minha casa mais minha mulher, ficando assim um boné distinto com gola verde de veludo, francalete dourado de galão, e um emblema feito por mim, com uma lira dourada em fundo vermelho numa esfera.—As fardas mandei-as fazer em casa de uma costureira da nossa freguesia, tendo-lhe eu fornecido o modelo por uma farda minha de Sargento que eu tinha em casa, de quando eu estive no Exército.—Confesso que não demorou muitos dias e tudo ficou pronto a vestir, cada qual com a sua farda branca talhada à medida de cada um.

Chegados ao dia de partir para o Porto Moniz, ei-los todos de madrugada vestidos com suas fardas brancas parecendo mais uma formação de marinheiros saída de um barco de guerra, do que os componentes de uma modesta filarmónica.

Ao entrarmos na Vila do Porto Moniz ao som duma marcha triunfal, fomos logo bem recebidos pelo Reverendo Pároco de então e o respectivo festeiro que ali nos aguardava, bem como muitos curiosos.

Todos ansiavam por ouvir a Banda nova, para apreciarem o nosso comportamento na execução dos números do nosso repertório.—Mas o que mais impressionou o povo de Porto Moniz, foi a disciplina com que os nossos rapazes se apresentavam, nomeadamente no dia da festa religiosa, em que todo o pessoal da Banda formou alinhado dentro do templo, como se fosse uma força de marinha em frente do Altar-Mor.—Foi um lindo exemplo de ordem pois confesso que fiquei satisfeitíssimo em ver os meus rapazes assistirem desde o princípio das cerimónias religiosas, alinhados em formação como se tivessem a cumprir serviço militar em frente do altar.

Evidentemente que tudo isto foi preparado de antemão, pois eu já havia prevenido todo o pessoal da Banda que, logo que o sino tocasse para a entrada no templo, todos deviam formar na porta principal da Igreja, para depois entrarmos todos formados em duas alas até ao Altar-Mor.—E tudo se fez admiravelmente, porque todos estavam entusiasmados em cumprir bem as ordens que eu dava, para que o nosso êxito fosse completo.—E assim sucedeu felizmente.—Confesso que foi um sucesso!... O povo não estava habituado a ver daquelas disciplinas nas Filarmónicas que então ali iam antes de nós.—Todos nos elogiavam, e diziam que ainda não tinham visto uma Banda de música assim com pessoal tão disciplinado...

Esta maneira de proceder, caiu bem no ânimo do povo que logo ficamos contratados para outra festa do Sagrado Coração de Jesus, na freguesia do Seixal, cujo Pároco era o Rev.º Padre Florentino de Sá que, tendo tomado parte naquela festa do Porto Moniz, muito apreciou a nossa atitude durante aquele arraial;—e ficou tão bem impressionado que logo nos contratou para a referida festa.

Novamente no Seixal, tempos depois, na supracitada festa do Sagrado Coração de Jesus,—novos triunfos, pelo aprumo e apreciada disciplina no pessoal da Banda,—tendo causado espanto aos donos da casa onde pernoitamos, ao ouvir na sala onde íamos dormir, a recitação do Terço da SS.ma Virgem por todo o pessoal, antes de nos deitarmos. —Todos ficaram edificados com este procedimento e no outro dia comentavam elogiosamente tal atitude.

Após este novo triunfo no Seixal, fomos contratados para outras festas.—E os nossos rapazes voltaram alegres e satisfeitos para junto das suas famílias a contar-lhes talvez, quanto vale a disciplina e obediência aos chefes, em todas as colectividades;—ela é o segredo dos triunfos que causam a admiração de todos aqueles que as observam.—Devo dizer que acostumei o pessoal da Banda a rezar o Terço em qualquer parte onde fossemos tocar, antes de nos deitar à noite. Este costume ficou arreigado no ânimo de todos que, eles eram já depois quem lembravam esta santa prática.

Esta maneira de proceder fez espantar muita gente onde íamos tocar, pois não estavam habituados a ver uma Banda assim;—pois quase todas as Bandas faziam ao contrário, davam mau exemplo, embriagando-se e nem à igreja entravam nas festas e muito menos rezavam em conjunto. —Devo dizer ainda que acostumei o pessoal da Banda a rezar o Terço do Santo Rosário, logo ao terminar os ensaios e, enquanto eu permaneci junto deles fiz tudo por manter esta prática salutar, que tantas graças alcança dos Céus.

Também foi ordenado por mim que todos os meses, no dia 13 à noite, depois dos ensaios que terminavam pelas 11 horas da noite (mais ou menos,—a Banda saísse ao Pátio da Casa de ensaio e na Rua tocasse àquela hora, o hino de Nossa Senhora de Fátima, seguido de uma marcha ou duas,—para assim despertar a atenção de todos aqueles que ainda não se tinham deitado, de que, aquele dia, fôra escolhido pela Senhora do Rosário para chamá-los à oração e penitência.—Os acordes da música era assim um despertar de almas para Cristo no meio da solidão da noite... lembrando-lhes a recomendação da Virgem, para

rezarem todos o Terço, pois aquela hora quantos pecados se cometiam no mundo!... Esta prática manteve-se enquanto eu permaneci na freguesia, — pois não devemos esquecer que a Banda foi consagrada à Virgem de Fátima, — chamando-se assim: — BANDA-ESCOLA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA. — Quería eu pois, que ela fosse uma escola de virtudes cristãs, uma juventude católica, em tudo um exemplo digno de ser imitado. — Passava assim, a nossa Banda a ser também, a pregoeira da Mensagem de Fátima ao mundo, por meio dos seus acordes no hino de Nossa Senhora de Fátima que ficou determinado ser tocado em todas as Igrejas onde fosse chamada a tocar nos arraiais. — Desde que a Banda fosse convidada a abrilhantar qualquer festa religiosa, apenas chegasse à porta do templo, ao cumprimentar a Igreja, o primeiro hino seria o de Nossa Senhora de Fátima, em homenagem à Senhora e ao SS.mo Sacramento, seu Filho Bendito, seguindo-se depois o hino da Banda como é costume nas outras Bandas. — Este costume é pois como o clarim que toca a reunir as almas em oração para Deus.

Podia-se ter feito mais e melhor se eu tivesse a felicidade de ter na nossa Paróquia um sacerdote cheio de vida e zelo pelas almas. — Infelizmente assim não aconteceu. — Apesar dos nossos rapazes serem todos de bons costumes, o espírito das trevas procura sempre nestas colectividades dividir e destruir alguma coisa de bom que surja no ânimo de todos.

Faltava um assistente eclesiástico que estimulasse os rapazes.

Tínhamos um Pároco verdadeiramente bondoso, o Rev.º Padre Júlio de Castro, — mas doente que, não podia exercer certas actividades neste capítulo da Acção Católica. — Por isso, encontrava-me só. — Um leigo só, nada pode fazer sem o seu Pároco. — Por isso tive que lutar sozinho através de tantas dificuldades. — A Banda progrediu muito nos primeiros anos, mas no decorrer dos tempos surgiram adversidades, em virtude de alguns dos seus elementos terem de se ausentarem para fora da terra, em procura de outros meios de vida mais aliciantes. Outros saíram por pequenos nada... que sempre aparecem na vida dos homens, contrariedades essas de que nenhuma colectividade está isenta. — A perfeição não é possível entre os homens. — Porém, com gosto e algum sacrifício tudo se faz, embora haja sempre as inevitáveis deficiências próprias do género humano.

Com a minha deslocação para o Funchal, — ficou a nossa Banda privada de ensaios regulares como era de costume, pois enquanto residia na freguesia, havia todos os dias ensaios, parciais e gerais, conforme os dias da semana designados para isso. — E assim, tínhamos ensaios nas

Segundas-feiras para instrumentos cantantes, ou primeiras;— Nas Terças, solfejo geral;— Quartas, ensaios dos acompanhamentos;— Quintas, ensaios gerais;— Sextas ensaio de primeiras;— Sábados, ensaios de acompanhamentos, e, Domingos, ensaios gerais em conjunto.

Como se verifica aqui, não havia dia algum de folga para mim, pois todos os dias tinha que dar ensaio, para que a Banda se pudesse apresentar com variado reportório e devida afinação, como era sempre o meu desejo.

É todo este trabalho era gratuito, sem compensação alguma monetária.— Se alguma coisa ganhava, era quando a Banda saía fora da freguesia, convidada para alguns arraiais.— E os meus benesses, eram apenas duas partes do que ganhava um músico e nada mais.

Devo dizer que na freguesia eram quase sempre as festas, abrilhantadas de graça,— só ganhando alguma coisa nas festas principais, como a do SS.mo Sacramento, a de São José, orago da freguesia.

Como fazia parte da Confraria do SS.mo Sacramento nas reuniões dos confrades, para a celebração da festa, havia sempre alguém que desejaria fazer tudo pelo mais simples, sem muito aparato, para se evitar despesas.— Evidentemente que nem todos concordavam;— mas às vezes quando alguns estavam impassíveis e vacilantes sem saberem o que haviam de fazer,— eu como membro da Confraria, tomava a palavra e dizia o que me parecia mais justo, sem mira nos interesses que me podia caber da Banda.— E dizia-o com aquela franqueza de sempre, segundo a minha fé de cristão, sem preconceitos:

«Se a nossa Confraria foi organizada para se poder fazer uma festa anual em honra do SS.mo Sacramento, com aquela solenidade própria a que O mesmo Senhor tem direito, para lhe agradecer tantos benefícios concedidos durante o ano, na protecção à nossa lavoura e aos que nela trabalham,— parece-me que essa festa não deve ser feita a título, como quem dá uma esmola,— mas sim com aquela boa vontade de quem quer e sabe agradecer os benefícios colhidos durante o ano.— E assim,— não deve limitar-se a uma simples Missa cantada e nada mais, pois se fosse somente para isso, não era preciso uma Confraria,— pois o povo da freguesia,— fazia-o espontaneamente, bastando apenas que o Pároco o lembrasse com a devida antecedência.— Mas se foi organizada uma Confraria do SS.mo Sacramento na freguesia logo o caso reveste-se de outro significado, não se limitando apenas a uma simples Missa cantada».

Como expusesse este assunto com a maior imparcialidade, atendendo apenas à minha fé e não aos pequenos interesses da Banda,—logo houve ali alguém que respondeu, dizendo que se eu assim falava era porque também interessava... —Perante esta afronta,—disse logo a todos ali presentes:—Pois bem,—façam os senhores como querem... por minha causa não se desmancha romarias, o que me couber de quota eu estou pronto a pagar.—E para que a minha presença não pudesse perturbar qualquer membro da Confraria,—sempre que havia reuniões para deliberar sobre a festa,—eu dispensava-me de lá ir para que ninguém mais supusesse que eu ia ali, apenas com o interesse de influenciar os irmãos da Confraria para que convidassem a Banda da freguesia para o arraial.—Por aqui, já se pode fazer uma ideia do interesse que certos elementos tinham pela Banda da sua freguesia a quem deviam ajudar para maior honra e prestígio do nosso povo.

Mas eu desculpo estas e outras ingratidões que recebi, porque já é ditado velho que,—o mundo paga sempre mal a quem o serve.—E se sempre foi assim, não podia ser eu o único privilegiado.

Falando um dia, com um amigo meu do Faial, e tendo eu abordado, como se mantinha a Banda de música daquela localidade,—logo aquele amigo meu, me respondeu que a Banda do Faial, ganhava sempre mais nos arraiais da sua freguesia, do que nos de fora,—e isto porque o povo do Faial, tinha muito apreço pela sua Banda, constituída há mais de 50 anos pelos filhos daquela freguesia e portanto faziam tudo por a poder conservar.—Na nossa freguesia,—pode-se dizer que era onde se ganhava menos.—Mas apesar desta incompreensão, nunca deixamos de cooperar quando era preciso a Banda tocar,—mesmo gratuitamente.

Estou certo que o povo do Arco hoje tem outra cultura e compreenderá melhor o valor de uma colectividade que só honra a freguesia e ainda é um estímulo para a arte;—sendo ainda ali, onde muitos se preparam para ingressar mais tarde nas Bandas Militares, quando tiverem de cumprir o serviço militar, como já tem acontecido e com grande proveito para os interessados que podem ser promovidos a Furriéis se demonstrarem interesse pela música e boas aptidões para ela,—o que noutras condições seria impossível a promoção àquele posto sem terem pelo menos o 5.º ano do Liceu,—o que infelizmente a maioria dos rapazes do Arco de S. Jorge, não possuem essas habilitações, por os seus pais não poderem contribuir monetariamente para isso, pois a maioria vive da agricultura e esta não tem condições de grandes rendimentos no

Arco de S. Jorge presentemente que, chegue para qualquer lavrador poder pôr um filho a estudar no Funchal.— Se há alguns, são bem poucos, como é fácil constatar.

O que mais admirava a muitos pessoas categorizadas de fora da freguesia, conforme muitas vezes ouvimos, quando íamos a qualquer arraial tocar, era a união de todos os componentes da Banda que assim formaram uma colectividade musical numa freguesia tão pequena,— o que infelizmente tem sido difícil noutras freguesias com maior população e com outras facilidades que não tem o Arco de S. Jorge.— Claro que isso era uma honra para nós.

Com a minha deslocação para o Funchal, todos ficaram duvidosos do prosseguimento da nossa colectividade e alguns estavam desanimados.— Mas eu prometi vir de tempos a tempos dar um ensaio e procuraria interessar-me pela Banda.— Encarreguei um dos componentes, dos mais velhos da Banda, Lourenço de Gouveia que se interessava muito pela música e ficou a reger a mesma na minha ausência, tendo também encarregado meu sogro, que era organista da freguesia e com longa prática de música a velar pela Banda, ajudando em tudo o que pudesse para que os ensaios continuassem sem desfalecimentos.

Em 1951, foi nomeado novo Pároco da freguesia, para substituir o antigo Pároco Padre Manuel Júlio de Castro que pastoreava a nossa freguesia já havia 25 anos, e sentindo-se cansado e doente como era, o Sr. Bispo resolveu substituí-lo pelo Sr. Padre Manuel Carlos da Silva que chegou à freguesia em Junho de 1951.

A nova correu célere em toda a freguesia e quando eu tive conhecimento desta nomeação, resolvi ir ao Arco para poder apresentar cumprimentos àquele sacerdote que tomava a direcção dos destinos espirituais do nosso povo.

Efectivamente, apenas cheguei ao Arco, mandei avisar todos os elementos da Banda para se apresentarem na Sede, afim de cumprirmos o nosso novo Pároco. Felizmente ninguém faltou.

Uma vez reunidos, formamos nas imediações do adro da Igreja,— tendo irrompido com uma marcha em direcção à residência paroquial.— Apenas ali chegamos, logo se executou o Hino da Banda, tendo aparecido o novo Pároco à porta da residência que nos convidou a entrar na sua sala de recepção.

Após os primeiros cumprimentos, pedi licença para dirigir-lhe algumas palavras de saudação em nome do nosso Grupo musical que muito agradeceu sensibilizado, prometendo fazer tudo por auxiliar a nossa

Banda. — Mas como eu tinha que regressar ao Funchal, ficou penalizado não poder eu continuar ali à testa daquela colectividade, — mas disse que faria tudo o que fosse possível a bem dos rapazes.

Tempos depois, tendo eu voltado de novo ao Arco, e tendo-me avistado com o nosso Rev.º Pároco, e tendo sido frizada a necessidade de uma Direcção que ficasse à frente dos destinos da Banda, foi então resolvido, formar uma nova Direcção que ficou assim constituída: — Presidente, Silvano de Abreu Cardoso; Vice-Presidente, Jordão Pestana; — Secretário, Januário Jardim Barreto; — Tesoureiro, Delfino Tomé Fernandes dos Santos; — Assistente eclesiástico, o Rev.º Pároco. — Todos os componentes da Banda, foram chamados a assinar um compromisso de honra, em que concordavam com a nova Direcção, prometendo todos nesse compromisso darem inteira obediência às ordens dimanadas da mesma, em conformidade com os regulamentos vigentes.

Tendo sido considerado a necessidade de um bom Regente para a Banda de Música, pois não podia esta ficar à mercê de poucos e distanciados ensaios que eu lhe podia proporcionar; — pois a música só pode ter aceitação em qualquer arraial se tiver bom reportório e bem afinada, — foi resolvido convidar o mestre Vieira, (Manuel Vieira), então regente da Banda Municipal de Santana, a vir reger o nosso Grupo no Arco. — Devemos no entretanto, esclarecer que, antes do mestre Vieira ser convidado para reger a Banda do Arco, já se havia afastado da regência da Banda de Santana, por incompatibilidade com a sua Direcção.

Foi ao termos notícia desse afastamento que nos levou a convidá-lo, pois doutra forma a nossa consciência não podia perfilhar a atitude que tomamos, porque a nossa dignidade está acima de interesses mesquinhos e nunca gostamos de prejudicar fosse quem fosse, para sermos servidos.

Aquilo que não gostamos para nós, também não gostamos de fazer aos outros. — Foi este e continua a ser até ao fim o nosso ideal de cristão.

Veio o mestre Vieira para o Arco e tomou a regência da Banda-Escola de Nossa Senhora de Fátima, — e lá tem continuado até agora à frente da mesma, enfrentando por vezes muitas dificuldades, devido à saída de vez em quando de alguns elementos.

Mas este mal não é só da Banda do Arco; ela é um mal que atinge todas as colectividades deste género porque os interesses particulares de cada um está acima de qualquer regulamento; — a vida é dura para alguns, e muitos têm que ir procurar noutras paragens vida melhor e digna de ser vivida. O estrangeiro tem já muitos filhos do Arco de

S. Jorge, bem como de toda a nossa Ilha. É a luta pela vida, e sempre foi assim.

Neste capítulo, como é compreensível, tem que se improvisar de vez em quando, muitos músicos ainda novos e inexperientes na arte musical. Esta tarefa é árdua para o Regente que tem de andar constantemente a recrutar novos elementos, para substituir os que partem.

Mas esta situação foi e continuará a ser a sina das Bandas rurais que, têm que se contentar com o que há, e muito pouco que escolher em populações tão pequenas como é o Arco de S. Jorge que, tem pouco mais de mil habitantes.

TRIUNFOS E DIGRESSÕES

Como a Banda de música era falada em toda a parte do Norte da ilha, muitos que não a tinham ouvido tocar ainda tinham bastante curiosidade em assistir a um concerto. E foi assim que a Autoridade Administrativa da Câmara Municipal de Santana que já nos tinha concedido um pequeno subsídio para ajuda de instrumentos, nos convidou para visitarmos os Paços do Concelho, no dia 28 de Maio de 1938, dia em que aquela Edilidade festejava o aniversário da Revolução Nacional.

Evidentemente que, não se podia dizer que não, atendendo os favores daquele Corpo Administrativo de quem se esperava ainda algum auxílio.

Feito todos os preparativos na véspera da partida escolhemos o nosso reportório que havia de ser executado em Santana, onde fomos encontrar a Banda Municipal da regência do então saudoso Figueiredo, músico distinto e antigo 1.º Sargento da Banda Regimental de Infantaria n.º 27, aquartelada no Funchal.

Como era da nossa responsabilidade a apresentação de um bom reportório, tivemos que fazer alguns ensaios rigorosos para que a nossa execução não fosse desprestigiada.

Partimos do Arco, manhã cedo e chegamos à freguesia de Santana pelas dez horas aproximadamente.

Fomos direitos aos Paços do Concelho que, nesse tempo era no Caminho Chão, cumprimentar as Autoridades Administrativas.

Preparava-se na Igreja Paroquial de Santana um solene Te-Deum, mandado celebrar pelas respectivas Autoridades, em acção de graças pela vitória da Revolução Nacional.

Tivemos então, de nos dirigir em direcção à porta principal da Igreja Paroquial, para apresentar os nossos respeitosos cumprimentos da praxe, ao Altíssimo, no Sacramento da Eucaristia, presente no Sacrário daquela Igreja. — Executada uma pequena marcha até à porta; e depois de executados os Hinos de N. S.ª de Fátima e da Banda, entramos na

Igreja para fazer uma pequena oração.—A essa hora já estava postada no seu coreto a Banda Municipal do Concelho.—Fomos cumprimentá-la como é da praxe com o nosso Hino, sendo correspondido com o da Banda de Santana.

Terminadas as cerimónias da Igreja, fomos ao almoço, oferecido pela Câmara Municipal de Santana, seguindo-se depois o nosso concerto nos Paços do Concelho (Caminho Chão), onde nos aguardavam muitos curiosos e muito povo que nos aplaudiram pela nossa execução.

Acabada a nossa missão seguimos para o Arco, e como nesse tempo, ainda não havia electricidade, tivemos que palmilhar todo o caminho às escuras.—Porém, devo dizer que a nossa ida a Santana constituiu mais um triunfo para a nossa modesta Banda, pois muita gente daquela freguesia tinha antes a impressão que a música do Arco era uma fanfarrada desafinada, mais própria para afugentar os pardais dos trigais do que, para ser ouvida por um público consciente, acostumado a apreciar e ouvir Bandas afamadas.

Mas, naquela tarde em Santana, a nossa Banda embora modesta, soube merecer os aplausos de grandes e pequenos que só tinham louvores para a Banda do Arco de S. Jorge que não julgavam estar como estava.

Antes de abandonarmos a sede do Concelho, fomos ao encontro do nosso velho amigo e camarada do Exército maestro Figueiredo, regente da Banda Municipal do concelho, apresentar-lhe os nossos cumprimentos de despedida.—E nesse momento, perguntei-lhe:—então o que diz à Banda do Arco?... A resposta foi pronta e espontânea:—«Estão afinados»!...

Ao sairmos de Santana, encontramos o Rev.º Padre Agostinho de Freitas, então, Pároco da freguesia vizinha de S. Jorge que me pediu, como era no sábado, para ficarmos naquela noite em S. Jorge, afim de abrilhantarmos no outro dia, Domingo,—uma pequena Festa que se realizava naquela freguesia, prometendo-nos chamar para a festa do Orago daquela freguesia, S. Jorge, que se realizaria de ali a alguns meses.

Acedemos ao convite e assim ficamos mais um dia em S. Jorge, donde saímos no Domingo ao cair da noite.

UM MELRO PRETO A CANTAR NA BANDA...

Estava paroquiando a freguesia do Arco da Calheta um Sacerdote digno, velho amigo e mestre meu, que havia anos antes paroquiado a freguesia do Arco de S. Jorge.

Amigo íntimo da nossa família, o Padre Eduardo de Faria a quem muitos favores fiquei a dever,—ao saber da existência de uma Banda de música na sua antiga Paróquia, fez-me convite para irmos ao Arco da Calheta à festa do Divino Espírito Santo que todos os anos se realizava naquela freguesia, para abrilhantarmos a dita festa, pagando-nos bem todas as vezes que lá fomos.

Fomos lá tocar diversas vezes.—Tínhamos que atravessar o Paul da Serra tudo a pé para chegarmos ao Arco da Calheta à hora do meio-dia.—E tudo corria bem graças a Deus, porque era tudo preparado com antecedência.

Um dia, estávamos a tocar no coreto que tinham armado no adro da Igreja, para a nossa Banda;—e ouvimos um certo moço daquelas redondezas assobiar à imitação de um melro preto que, à primeira vez julgávamos ser realmente uma daquelas aves que povoam os nossos campos, fazendo os seus ninhos na ramagem das árvores.

Alguém que estava ao nosso lado, daquela freguesia disse-nos logo que era um rapaz que assim fazia com tal habilidade que muitos supunham ser de um daqueles pássaros verdadeiros.

Procuramos depois saber quem era, mas não foi preciso muito trabalho porque ele mesmo andava ali à volta do coreto a exhibir as suas habilidades.

Tendo então nós entablado conversa com o moço, perguntamos se ele queria ir até à nossa freguesia, pois tínhamos algumas festas naqueles dias, e ele podia se quisesse, nos acompanhar às mesmas, pagando-lhes nós para ele nos levar a caixa das músicas, etc.

Efectivamente ele disse que sim e depois de chegarmos ao Arco, lembrei-me de fazer um arranjo musical em que em certa altura se ouvisse o canto do melro preto.—Ensaíamos tudo antes da partida e confesso que isso foi um êxito nos lugares onde tal número foi executado.—Todos os que ouviam tal número ficavam maravilhados com tão boa imitação do moço que, imitava tão bem o canto do melro preto que quem não scbia, pensava ser verdadeiro.—Foi um verdadeiro sucesso em todos os lugares onde apresentamos a «Alvorada do Melro Preto».

A FESTA DA VINDIMA EM 1938

No ano de 1938, a Junta Geral do Funchal, resolveu fazer uma festa, chamada a festa da vindima, com o fim de atrair das diversas freguesias da Ilha ao Funchal diversos produtos da lavoura Madeirense, nomeadamente frutos e outros legumes que figurariam numa grande Feira, exposta ao público da cidade, sendo premiado aquele que melhor apresentasse qualquer das produções indicadas por aquele Corpo Administrativo.— Como chegasse às minhas mãos um ofício da Junta Geral, falei a algumas pessoas se queriam ir ao Funchal, apresentar alguns produtos da sua lavoura que, embora não esperassem um prémio, tinham a vantagem de ter uma viagem gratuita, ida e volta, e sempre viam a cidade, contribuindo ao mesmo tempo para auxiliar a Escola de Artes e Ofícios do saudoso Padre Laurindo, em Santa Maria Maior,— visto que todos os produtos da Feira, depois de leiloados, revertiria em favor daquela Escola.

Evidentemente que o Arco nesse tempo o que mais podia apresentar era uvas, visto estarmos na véspera das vindimas.— Mas ainda assim, conseguimos arranjar muitas pessoas que quiseram ir ao Funchal levar as suas ofertas.— Como a Banda de música fôra convidada para abrilhantar aquelas festas no Funchal, preparamos um bom reportório e mercado o dia seguimos todos para a cidade do Funchal.

Apesar da nossa boa vontade surgiram à última hora algumas dificuldades, quando já se encontrava todo o pessoal em Ponta Delgada à espera da Camioneta que a Junta Geral prometeu mandar àquela freguesia, para conduzir o pessoal do Arco de S. Jorge.

A Junta Geral tinha encarregado alguém de nomeada naquela Junta, para dirigir estas excursões, isto é, dar expediente não só em instalações no Funchal para o pessoal, como comida, transporte, etc., etc.

Mas acontece que, por desleixo ou desempontamento, esse alguém, não mandou a tempo e horas como estava combinado o meio de transporte a Ponta Delgada.

Ao princípio disseram-nos que aguardássemos em Ponta Delgada um Vapor costeiro que iria àquele porto nos buscar e que lá estivéssemos às oito horas da madrugada.

Efectivamente combinei com todo o pessoal que nos acompanharia, a estar em Ponta Delgada sem falta àquela hora.—Ninguém faltou.—Mas o pior é que o tal Vapor costeiro, não aparecia e as horas iam-se passando e já era meio-dia e o pessoal já estava desanimado com esta demora.—Foi então que eu tomei a iniciativa de telefonar para a Junta Geral do Funchal, comunicando-lhe que tínhamos ali em Ponta Delgada para cima de trinta pessoas à espera de transporte para o Funchal, como nos haviam prometido e que eu não estava disposto a assumir sozinho aquela responsabilidade de mandar vir pessoas da sua freguesia para estarem ali parados, sem destino e ainda por cima a passar fome, devido às demoras.

Efectivamente da Junta o engenheiro que superentendia aquelas festas, deu ordem imediata para que partisse uma Camioneta para Ponta Delgada, afim de conduzir o pessoal que ali estava.

Mas, para evitar mais demoras, em vez de partir uma Camioneta do Funchal, requisitaram uma da Empresa de Transportes de S. Vicente que nos mandou para ali um carro já bastante usado e que diga-se a verdade, não estava convenientemente preparado para uma viagem daquelas.

E tanto assim foi que, saímos de Ponta Delgada pela volta das 4 a 5 horas da tarde, quando o que estava combinado era sairmos às 8 horas da manhã.

Como a Camioneta que nos transportava sofria de tantos males... andamos toda a noite em viagem.—A Camioneta em questão parecia mais uma mula cansada... do que um meio de transporte para passageiros.

Faltava-lhe de tudo, um pouco, e para maior mal nosso, puseram na direcção do carro, um Chauffer inexperiente sem prática alguma naqueles serviços.

Com dificuldade chegamos à Encumiada.—Paramos ali alguns momentos, para comermos alguma coisa, pois eu tinha mandado dar alguns pães em Ponta Delgada ao pessoal, mas àquela hora todos tinham fome.—Pouco havia ali que comer para tanta gente.

Mas, se até ali, a viagem tinha sido penosa, dali para baixo, foi muito pior.—Apagaram-se as luzes, porque as lâmpadas do carro fundiram-se, certamente por deficiência nas ligações da bateria ou dínamo.—Em plena serra longe do povoado, em ladeira perigosa, era um atrevi-

mento seguir estrada abaixo, sem luzes no meio da escuridão da noite.— Sem faróis, com o carro cheio de passageiros, era um problema de vida ou de morte se não houvesse perícia e cautela ao descer naquela estrada para a Serra D'Água.

Tivemos então uma ideia:— Como os músicos usavam farda branca fez-se a experiência de ir um músico à frente do carro para servir de guia, pois a noite felizmente estava com céu claro e estrelado e havia assim um lampejo de luz que brilhava do céu, dissipando assim as trevas da noite.— Este dispositivo surtiu efeito, embora a Camioneta tivesse de ir descendo lentamente a passo de boi, assim fomos descendo aquela ladeira até chegar ao povoado da Serra d'Água, com uma certa segurança.

Confesso que foi uma noite tormentosa, pois o carro com todas estas demoras e deficiências, chegava à Ribeira Brava pelas 3 horas da manhã, com o pessoal todo esfomeado e tiritando de frio.

Uma vez ali chegados, todos se apearam para tomar algum alimento, mas a essa hora os estabelecimentos estavam fechados, surgindo novo problema.

Foi então que, alguém se lembrou de uma padaria que a essa hora estava em plena laboração naquela Vila e então devido às circunstâncias em que se encontravam todos os passageiros da Camioneta,— foi-nos fornecido o pão suficiente para saciarmos o pessoal, já que outra coisa não havia àquela hora, à mão, na Vila.

Durante esse interregno,— aproveitou o chauffer o momento para prover a Camioneta de lâmpadas, afim de podermos seguir para o Funchal.

Felizmente ali encontrou alguém que lhe emprestou duas lâmpadas, doutro carro que ali estava parado e depois de alguma demora naquela Vila, abalamos para o Funchal em demanda do edificio do Lazareto que já anteriormente nos tinha sido indicado por quem de direito, para ali estacionarmos.

O carro apesar de estar provido de luzes novamente, não podia avançar muito depressa, em virtude de qualquer avaria no motor, pois como já dissemos, aquela viatura não estava nas devidas condições para fazer uma digressão tão longa.— Mas como na ocasião talvez não houvesse outra na Empresa, disponível, tivemos que gramar todas estas peripécias até chegar ao Funchal.

Só depois de duas horas de viagem, chegamos ao Funchal, completamente extenuados de tão longa jornada, pois somadas as horas que levamos em todo aquele percurso, verificamos que, a Camioneta gastou

doze horas desde Ponta Delgada até ao Funchal, como se tivéssemos feito uma viagem à roda da Ilha...

Normalmente uma viagem em Camioneta de Ponta Delgada ao Funchal, faz-se em quatro horas, sem grande velocidade e com passageiros que sempre se demoram nas paragens do costume.

Mas não tínhamos ainda acabado esta interessante odisseia, — pois no Funchal havíamos de sofrer novas inclemências, devido à péssima organização em que a Comissão encarregada daquelas festas, tinha tudo preparado.

Apenas chegamos ao Lazareto pelas seis horas da manhã aproximadamente, esperávamos que já ali tivessem preparado alguma comida para o pessoal, apenas um simples café que nada custava, para aquecer o estômago aos rapazes. — Pois nada estava feito...

Tivemos que ir a um pequeno Restaurante das imediações, saborear um cafezinho quente que mandei vir e paguei da minha algibeira, alentando assim toda a nossa gente que mostravam um certo cansaço, resultante duma noite perdida e ainda mal alimentada.

Acabada essa refeição e como era Domingo, formei os nossos rapazes em duas filas e fomos assistir à Santa Missa na Sé Catedral, às sete horas da manhã, — para depois ficarmos com o tempo todo livre para o almoço e tudo o mais que fosse preciso.

Depois da Missa, regressamos novamente ao Lazareto, onde esperávamos o almoço impacientemente... pois quando ali chegamos tudo fervia ainda nos caldeiros, porque quem manipulava aquilo, não tinha muita pressa...

Estava ali presente muita gente dos campos que tinham vindo também trazer muitas ofertas e que esperavam esfomeados a hora do almoço.

Confesso que nunca na minha vida presenciei tão má organização em festa alguma, como aquela ordenada pela Junta. — Não havia ordem nem método nas distribuições da alimentação a tanta gente que ali estava e que merecia mais atenção e carinho, pois tinham vindo de longe das suas casas, sem nada ganharem, apenas para servirem um programa de festas que a Junta tentou pôr em destaque na Praça do Funchal.

Estou certo que aquele Corpo Administrativo havia de ter tomado as providências para que tudo corresse na melhor ordem, — mas acertou mal na escolha do pessoal que pôs a dirigir aqueles serviços, pois todos se queixavam, de que não eram atendidos como devia ser.

Depois de dois dias de música no Funchal, onde estacionamos e onde apanhamos umas boas barrigadas de fome, devido aos maus servi-

ços, como acima nos referimos,— regressamos ao Arco de S. Jorge, tendo ainda à última hora surgido nova surpresa, no que respeita ao transporte para o Arco.

Estávamos novamente à espera de Camioneta que nos havia de conduzir para o Arco, quando fomos com a pessoa que nos convidou para esta festa, isto é com o representante da Junta, para que nos preparasse meio de transporte.

Ao falarmos do transporte para o Arco, logo nos disse que nada tinha com o assunto, quando afinal tinha sido ele quem se responsabilizou pela nossa ida ao Funchal, com todas as passagens, alojamento e comida de conta da Junta, visto nós também irmos ao Funchal de graça, sem qualquer remuneração.

Ao ouvir eu esta evasiva, como quem queria fugir à responsabilidade, imediatamente dirigi-me ao Ex.mo Sr. Engenheiro Maurílio Ferraz, da Estação Agrária da Junta a quem estava confiada a fiscalização daquelas festas, e contei-lhe o que se passava, pois não estávamos dispostos a que nos acontecesse o mesmo, que sucedeu em Ponta Delgada.— Queríamos uma Camioneta já para seguirmos para o Arco de S. Jorge, pois as demoras nos causariam grandes transtornos ao pessoal que tinham de estar na freguesia naquele dia, afim de ficarem disponíveis no dia imediato para os trabalhos da sua lavoura.

Em virtude do exposto, aquele senhor ordenou que viesse uma Camioneta da Praça do Funchal, para nos levar a Ponta Delgada, visto naquele tempo a estrada de automóveis não estar ainda ligada ao Arco, — pagando a Junta Geral do Distrito toda a despesa.

Chegamos a Ponta Delgada às quatro horas da tarde de terça-feira, seguindo-se depois a pé para o Arco, onde chegamos de tardinha, quase ao anoitecer.

No Arco, a Banda de música era aguardada pelas famílias dos componentes e muito povo; — tendo aquela encetado uma marcha desde as imediações da Igreja Paroquial, onde parámos, executando ali o hino, recolhendo depois à casa de ensaio.

Assim ficou cumprida mais uma missão naquelas festas das vindimas do ano de 1938, não deixando saudades a ninguém pelas várias peripécias sofridas naquela jornada, de tão triste memória...

DEDICAÇÃO HERÓICA

Seria uma falta de justiça e portanto uma lacuna impordoável, se deixássemos de registar numa destas páginas, um facto verdadeiramente extraordinário e simbólico, pela assiduidade e persistência como foi praticado por um dos nossos melhores amigos e cooperadores desta Banda, cujo exemplo edificante constitui para muitos jovens do nosso tempo, adversos ao sacrifício, um estímulo para se poder obter o triunfo em tantas iniciativas e vencer na vida.

O facto que aqui apresentamos, na sua singeleza, é verídico, e pela sua raridade constitui um nobre exemplo aos vindouros;—e tão eloquente é, que, se não fosse as numerosas testemunhas que temos, entre elas, os próprios componentes da Banda,—chegar-se-ia a duvidar dos factos que, tão desapassionadamente aqui relatamos.

Prestemos um pouco de atenção a esta pequena história, verdadeira:—

O senhor Manuel Gonçalves, o Feitor,—como era mais conhecido na sua freguesia por esta alcunha,—era natural da freguesia de S. Jorge, onde residia com sua esposa e filhos, no sítio da Igreja.

Homem sério e honesto, vivia da lavoura, como a maioria dos seus conterrâneos.

De estatura regular, magro mas sádio, o senhor Manuel Gonçalves, devia andar à roda dos seus 50 anos, quando começou a frequentar os ensaios da Banda do Arco de S. Jorge.

Contou-me ele que, quando era jovem, fez parte da antiga Banda de S. Jorge já extinta, que devia ter o seu início, aí pelos anos de 1900,—deixando a sua actividade, se não estamos em erro em 1916,—certamente por lhe ter faltado o apoio e auxílio dos seus conterrâneos, duma maneira especial das pessoas gradas da freguesia.

Não temos conhecimentos nem elementos que possa dar uma ideia daquela agremiação, seu início, seus devotados amigos, fundadores etc.—Apenas nos lembra ter ouvido por diversas vezes essa Banda tocar não

só na freguesia do Arco, na festa de S. José, como em S. Jorge. Nesse tempo, como não havia outra Banda mais perto do Arco de S. Jorge,— era a Banda de S. Jorge que vinha quase sempre abrilhantar as festas principais da nossa freguesia, nomeadamente a festa de S. José e a do SS.mo Sacramento.— Mas nesta última, poucas vezes vinha a Banda porque apesar dos confrades da respectiva Confraria ser das pessoas mais gradas da freguesia,— quase sempre não havia aquele entusiasmo que devia existir nestas agremiações, especialmente organizadas pelo Pároco da Freguesia para suportarem os encargos e mais despesas com as aludidas festas.

Era eu criança ainda, nesses saudosos tempos, e entusiasma-me a música, quando a ouvia executar os seus reportórios, ali pertinho da nossa casa, no adro da Igreja, onde era levantado um coreto, feito de tábuas de pinho, apoiadas com travetas e guarnecidas em volta com ramos de louro, murta e outras ortensias.

Quando mais tarde já se tinha dissolvido a Banda de S. Jorge,— apesar de não ter ainda pensado em organizar no Arco a nossa Banda,— o instrumental da Banda de S. Jorge, constituído por uns 15 instrumentos foi-me oferecido por um dos dirigentes daquela Banda, pelo preço de 200\$00.— Evidentemente que era barato;— mas como eu ainda não tinha nessa altura a ideia da nossa fundação, não aceitei a proposta,— tendo sido mais tarde o mesmo vendido a um comerciante do Caniço que certamente com ele fez negócio.— Foi o que soube depois;— e mais nada sei dizer daquela agremiação musical.

Como eu ia todos os anos à Festa do Natal em S. Jorge, para tomar parte na música do Coro, como cantor, tive ocasião de observar que nas romarias, tomava parte o Sr. Gonçalves com a sua flauta para abrilhantar as mesmas.

Foi numa dessas ocasiões que eu abordando o nosso amigo Gonçalves,— perguntei-lhe se queria fazer parte da nossa Banda para tocar flautim.— Disse-me logo que sim;— mas logo frizou a distância que ia da sua casa em S. Jorge, à nossa freguesia,— pois com tão grande distância não podia comparecer sempre aos ensaios.

Disse-lhe eu porém, que não exigia dele tamanho sacrifício;— bastava apenas que levasse para casa as músicas do nosso reportório, para estudar,— trazendo-as depois, em dias previamente marcados, para ensaiar em conjunto.

A distância era realmente enorme;— nada menos de 6 quilómetros, a calcorriar por caminhos antigos,— pois ainda não se beneficiava das

novas estradas de automóveis;— e estes caminhos além de serem íngremes e bastante acidentados, tinham de ser percorridos a pé,— e ainda pior, de noite, às escuras, sem luz,—por vezes animado pela luz mortíça de uma lanterna com vela de cebo, quando regressava a casa.— Pois apesar destas dificuldades, capazes de fazer desanimar qualquer jovem na flor dos anos,— amigo Gonçalves encarava tudo com optimismo edificante, não se poupando a este sacrificio, apesar da sua idade.

Observando tão boa vontade, nunca o quis forçar a vir a todos os ensaios,— e dizia-lhe sempre que viesse quando pudesse.— Porém,— apesar das facilidades que lhe concedia,— amigo Gonçalves, primava sempre por ser pontual, nunca faltando, a não ser por casos de força maior, como doença, etc.

Como os ensaios de música eram feitos à noite, porque durante o dia os componentes da Banda estavam empregados nos serviços da lavoura,— o início fazia-se às 9 horas da noite terminando às 12 horas (meia-noite), aproximadamente.

Todos os rapazes da Banda, residiam na freguesia, sendo as distâncias curtas em relação a S. Jorge.— Mas o senhor Gonçalves para chegar à sua casa, tinha de palmilhar aqueles seis quilómetros, como já dissemos de noite, às escuras.

Tentei por diversas vezes convencê-lo a ficar em minha casa, seguindo o outro dia de madrugada para a sua freguesia,— mas agradecia sempre e não aceitava o meu convite, porque dizia tinha serviços que não podiam falhar, de madrugada,— e queria lá estar à hora do início.

E eis aqui, como um homem, já de certa idade, deixou um nobre exemplo de dedicação e assiduidade pela arte musical, arrostando com grandes sacrificios, nomeadamente a grande deslocação da casa da sua residência à sede da Banda no Arco de S. Jorge, para assistir aos ensaios e poder assim tomar parte nos arraiais onde a Banda era chamada,— e cuja remuneração nem sempre era das melhores.

Com a minha saída da freguesia, o senhor Gonçalves, deixou de vir aos ensaios, já pela sua idade e ainda porque esteve a mesma Banda sem regente algum tempo, até que o mestre Vieira veio para o Arco tomar a regência da mesma.

Ficou assim registado a letras de ouro na história desta colectividade este facto inédito, de quanto pode a dedicação, o sacrificio e seriedade de alguém, que, ficará como um exemplo de rara virtude, no desempenho de uma tarefa que por gosto aceitou e lhe foi confiada, procurando sempre em todas as vicissitudes cumprir a sua missão.

OUTRAS NOTAS

A Banda-Escola de Nossa Senhora de Fátima do Arco de S. Jorge, — teve muitas festas em diversas freguesias da Ilha, sendo em todas mais ou menos bem acolhida, apesar das suas deficiências.

Quase todos os anos íamos ao Arco da Calheta à festa do Divino Espírito Santo, cuja festa era dirigida pelo saudoso Padre José Eduardo Faria, antigo Pároco da freguesia do Arco de S. Jorge, onde parouiu alguns anos deixando saudades pela sua alma de apóstolo dedicado pelo bem das almas e ainda pelo seu porte respeitável, no cumprimento dos seus deveres de bom pastor. — Um dia, alguém lembrava certo procedimento de um colega, pouco exemplar na sua qualidade de ministro do Senhor e logo o Rev.º Padre Faria teve esta resposta bastante significativa: — **«A mim, não quero que me atirem lama à minha batina»...**

Sacerdote íntegro, piedoso e disciplinador, tinha para nós todo o carinho, tratando-nos admiravelmente quando íamos ao Arco da Calheta com a Banda, concedendo-nos todas as facilidades e pagando melhor que qualquer outro, as benesses a esta colectividade.

Fomos também a diversos arraiais, nomeadamente a S. Vicente onde fomos muito bem tratados pelo Rev.º Padre Lira que ali parouiu e que tinha uma admiração pela nossa colectividade.

Estivemos também em Ponta do Pargo, Porto Moniz, Seixal, Ribeira da Janela, Ponta Delgada, Boa Ventura, S. Jorge, Livramento de S. Vicente, etc.

Na Ribeira da Janela, fomos muitas vezes, em especial quando lá parouiu o Rev.º Padre Tomás Camacho nosso conterrâneo, actualmente em Moçambique.

Foi uma das freguesias onde fomos sempre bem tratados deixando-nos saudosas recordações, pela gentileza e bondade do seu povo, sempre acolhedor.

NOME DOS FUNDADORES DA BANDA - ESCOLA DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA DO ARCO DE S. JORGE FUNDADA EM 1933

Não ficaria bem, terminar este modesto opúsculo, sem mencionar os nomes dos rapazes que foram os fundadores da Banda de Música da nossa freguesia.

Eles ficarão na História desta pequena colectividade, como exemplo bem significativo, de quanto pode a vontade aliada ao sacrificio de um punhado de rapazes, hoje chefes de família e outros já na eternidade, que, arrostando com todas as dificuldades, não se deram por vencidos, contribuindo assim altamente para o progresso e engrandecimento da sua freguesia, deixando ao mesmo tempo, um nobre exemplo aos vindouros:

Silvano de Abreu Cardoso — Fundador e Regente

António Fernando S. de Abreu Cardoso

Luís Laurindo S. de Abreu Cardoso

Lourenço de Gouveia — (falecido)

Jordão Gomes Camacho

Manuel de Freitas Barra — (falecido)

José Lourenço Pompílio

Alberto Rodrigues — (falecido)

Manuel Viriato

Manuel Martins, Ilha

José Lourenço da Rosa

Luís Pestana

Albino Martins

Delfino Lourenço da Rosa
Tiago dos Ramos
Domingos de Gouveia

NOTA:

Alguns destes, conservaram-se pouco tempo na Banda, uns por inaptidão e outros por ausência prematura, para fora da freguesia.

ESTATUTOS — SEU RESUMO

Apesar de elaborados em 1940, nunca foram postos em prática.

Sendo o Regente Silvano de Abreu Cardoso, convocado para serviço no Exército, em virtude da guerra de 1939;— a sua deslocação para o Funchal, criou certas dificuldades, não tendo sido possível pô-los em execução, pois faltava quem dirigisse.

Aguardava-se então melhor oportunidade, para os levar a serem aprovados pela competente Autoridade do Distrito.

Uma das principais disposições dos Estatutos, diz respeito à organização e dissolução desta Colectividade.

E assim, quando esta se tenha a dar por falta de elementos ou recursos que a possam manter,— nenhum dos instrumentos poderão ser vendidos, seja por quem for, pois estes constituem património da freguesia, ficando provisoriamente arquivados nas arrecadações da Igreja Paroquial, de mútuo acordo com o Reverendo Pároco,— para a todo o tempo, quando for possível, ser reorganizada.

Caso seja criada um dia na freguesia, uma Casa do Povo, como já existe em muitas freguesias do Continente e Ilhas, então passará este património artístico à guarda da Casa do Povo que, fará tudo por os conservar para nova reorganização, sendo-lhes vedado, desfazer-se deles.

Cumpre-nos informar que, o respectivo instrumental fôra adquirido à custa de todos os seus fundadores e ainda por muitas subscrições feitas pelo povo da freguesia e fora dela, sendo portanto obra do sacrifício de todos, não sendo justo venderem os instrumentos que custou tantos sacrifícios e que hoje custa uma fortuna para se obter.

Confio portanto no critério das autoridades eclesiásticas e civis da freguesia, que assim procederão.

Arco de S. Jorge, 13-4-1940

O Fundador

Silvano de Abreu Cardoso

